Correio da Manhã

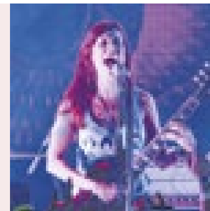
Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 21 a domingo, 23 de Março de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.731

Conheça os vencedores do 35º Prêmio Shell
PÁGINA 6



Pitty leva seu rock empoderado à Fundição
PÁGINA 11



Um suculento roteiro do amado pão francês
PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

‘A inteligência artificial vai transformar os arquivos em sucata’



Caliban/Divulgação

Papa do cinema documental brasileiro anuncia o lançamento de seu ‘Brizola - Anotações para Uma História’ para junho e reflete sobre a morte anunciada do arquivo

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Ao comemorar seus 75 anos, no último dia 12, já recobrado de uma série de complicações de saúde, Silvio Tendler trouxe o debate sobre a morte anunciada do arquivo - tal qual o cinema documental entende essa palavra -, em meio à hegemonia gradual da Inteligência Artificial. O Correio da Manhã foi atrás do realizador - o papa do cinema documental brasileiro - para descobrir a data de estreia de seu “Brizola – Anotações Para Uma História” (exibido pelo diretor em outubro, no Festival do Rio).

Soube que o lançamento ficou para o final de junho, mas acabou saindo do papo com uma reflexão sobre a reinvenção tecnológica das narrativas de não ficção. Espera-se que a inquietação tendleriana sobre IA já se faça notar, ao menos na forma, em “Justiça em Estado de Exceção”, seu próximo documentário. O filme discute o papel do Poder Judiciário e dos meios de comunicação na conjuntura política do país. A quem eles se submetem? À Constituição Federal?

Esse longa completa uma trilogia de Tendler formada por “Privatizações, a Distopia do Capital”, de 2014, e “Dedo na Ferida” (Prêmio de Júri Popular na Première Brasil 2017). Trata-se de uma análise do sistema que financia e instrumentaliza um projeto de poder predatório. **Continua na página seguinte**

ENTREVISTA / SILVIO TENDLER, CINEASTA

‘A verdade vai aflorar com outras tecnologias’

Não é só os desafios impostos pela IA que capturam a atenção do único documentarista brasileiro a cruzar a marca do blockbuster e emplacar uma bilheteria na faixa do milhão com o filme “O Mundo Mágico dos Trapalhões”, (1981). Na entrevista a seguir, o realizador de “Anos JK” (1980) e “Jango” (1984) antecipa suas próximas criações.

Caliban/Divulgação



A sessão de “Brizola – Anotações Para Uma História” foi um acontecimento no Festival do Rio. Qual é o maior simbolismo do político gaúcho para a sua geração e qual é o legado dele?

Silvio Tendler: O maior simbolismo do Brizola foi o arrojo, a coragem e a ousadia de nacionalizar a eletricidade da Light e a telefonia da ITT, criar o Banco Regional (BRDE) para fazer frente ao BNDES que não financiava o Sul. O BRDE, que hoje a Ancine utiliza, foi criada pelo Brizola para gerir recursos para Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Brizola criou uma Caixa Econômica Estadual com 16 agências, em 16 municípios, onde cada município decidia o que fazer da sua poupança. É a coisa mais revolucionária que existe hoje. A Alemanha hoje está fazendo pequenos bancos municipais. Nos Estados Unidos, existem 4 mil bancos. Essa concentração de rendas foi depois do Brizola. Ele foi contra a privatização dos bancos estaduais. Em seu projeto de educação, ele construiu, no Rio Grande do Sul, as Brizoletas, escolas para crianças que não tinham acesso a colégios perto de casa. Deu alpargatas e sapatos para as crianças que iam a aula descalças. Aqui no Rio, ele fez mais de 500 CIEPs, além do Sambódromo, da Linha Vermelha. Quem diz que o Brizola não fez nada é porque não está entendendo nada.

De que maneira filmes como “Brizola” traduzem o seu olhar sobre arquivos? De que maneira documentário e memória se misturam nesses registros?

Está cada dia mais difícil fazer filmes de arquivo. Os detentores dos arquivos estão cobrando cada dia mais caro. Isso é um fenômeno universal. Fui comprar arquivo na TV Cultura, do Brizola no “Roda Viva”, e um gestor me falou: “Arquivo de morto é mais caro, sete mil reais um minuto”. Só que eles não perdem por esperar, porque a inteligência artificial vai transformar os arquivos em sucata. Daqui para frente, a verdade e a construção da memória não poderão abrir mão das novas tecnologias da reconstrução dessa memória, com novas técnicas narrativas. Já no “Brizola” eu utilizo animação. Assim, eu converso com jovens. Daqui para frente, a cada dia, os arquivos serão menos necessários e a verdade vai aflorar com outras tecnologias.

Como pode se dar esse novo caminho da tecnologia para o documentário?

O cineasta francês André Heinrich, assistente de direção de Alain Resnais em “Noite e Neblina”, trabalhou também com Jean Rouch, na produção de “Crônica de um Verão”. É um criador de linguagem no cinema. Entrevistei-o no começo dos anos 2000, e ele tinha tudo de União Soviética: filmes, programas de TV, fitas. Guardava esses registros por acreditar que esse mundo estava acabando. Tudo ia desaparecer e nada ia ficar na memória. Na conversa, ele me disse: “Olha, daqui a pouco, as pessoas vão dizer que os campos de concentração não existiram. Dirão que tudo aquilo é representação, que aqueles mortos são manequins, que aquilo ali foi recriado, que as pessoas magras, com aqueles pijamas, são atores”. Essa conversa já tem, pelo menos, uns 17 anos. A memória vai se esfacelar por conta desse negacionismo que ele previu, 20 anos atrás. Hoje, a gente está vendo a reconstrução da verdade, pela memória. Daqui para frente, a preservação da memória terá de utilizar as novas tecnologias, sobretudo, a inteligência artificial. Eu estou me preparando para essa nova era com novos projetos.

Como funciona, depois de quase cinco décadas de dedicação aos longas-metragens, a sua forma de pensar a dramaturgia do cinema? Onde é que a política e a sociologia norteiam a sua forma de pensar os filmes?

A política sempre norteou meus filmes, assim como a História e a Geografia. A Sociologia muito pouco. Eu não consigo dominar as teorias sociológicas. Já a Geografia, sim, via Milton Santos, via Josué de Castro e via Carlos Walter Porto-Gonçalves, que são meus gurus. São pessoas que me influenciaram bastante. O cinema me influencia via Chris Marker, André Heinrich, Jean Rouch, Vladimir Carvalho. Esses diretores são fundamentais na minha vida, assim como Olney São Paulo, Sérgio Muniz, João Batista de Andrade. A eles, eu estou aqui dizendo presente sempre.

Que novos projetos você planeja para 2025?

Eu estou fazendo agora um projeto chamado “Na Outra Ponta Da Humanidade, A Fome” e estou preparando “Estrada Sem Fim”, um projeto de três filmes inspirado nos longas do (cineasta chileno) Patrício Guzmán, como (o tríptico) “Batalha do Chile”, com episódios que vão da Pangeia ao dia seguinte ao fim do mundo. O primeiro episódio vai até 1988, com a Constituinte. O segundo começa com as eleições de 1989 - a primeira eleição em que eu votei, aos 39 anos – e vai até o bolsonarismo. O terceiro episódio trata do que é o socialismo, do que é o futuro. Então, com esses projetos, eu dou o pontapé inicial na minha luta pela verdade histórica e por um futuro radiante para nós todos.

Galeria Wes Anderson

Com longa novo no forno, o diretor texano ganha exposição na Cinémathèque Française, que revê o estilo cartunístico de seus cults, hoje em streamings como a Disney e a Amazon Prime

Cinemathéque Française/Divulgação



Reprodução Instagram Cinemathéque Française



Wes Anderson e as miniaturas de suas animações que estão na exposição da Cinemathéque Française (ao lado)

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois de ter conquistado um Oscar pelo curta "A Incrível História de Henry Sugar" (hoje na Netflix), o texano Wesley Wales Anderson está cotado para disputa a Palma de Ouro de Cannes, de 13 a 24 de maio, com "The Phoenician Scheme". Enquanto o festival não faz o anuncio oficial de seus concorrentes, numa seleção que terá Juliette Binoche como presidente do júri, o cineasta de 55 anos ganha uma exposição na Cinémathèque Française, em Paris, que abre as portas esta semana e segue até 27 de julho.

Entre os itens que compõe a galeria de criações do diretor estão bonecos e instalações usadas por ele nas animações "O Fantástico Sr. Raposo" (2009) e "Ilha dos Cachorros", pelo qual recebeu o Urso de Prata de Melhor Direção na Berlinale 2018.

"Cada um dos filmes de Wes Anderson mergulha o espetador num universo diferente, com os seus próprios códigos, motivos e referências, e com os seus cenários e figurinos suntuosos, identificáveis à primeira vista", diz o site da cinemateca parisiense. "Do encanto melancólico de 'Os Excêntricos Tenenbaums" às aventuras adolescentes de 'Moonrise Kingdom', passando por suas inovadoras técnicas de stop-motion, a exposição oferta uma oportunidade de se descobrir como a visão única de Anderson e a sua atenção ao pormenor criaram alguns dos filmes mais atraentes do ponto de vista visual e emocional dos últimos tempos", completa o texto curatorial.

Quem passar pela capital da França poderá entender melhor a cabeça de Wes a partir de uma seleção de adereços, figurinos originais e documentos relacionados a bastidores de produção. Em novembro, o mesmo material vai para o Museu do Design, de Londres, alimentando uma revisão crítica de sua filmografia, que ultrapassou a fronteira dos blockbusters com "O Grande Hotel Budapeste", que custou US$ 25 milhões e faturou US$ 174 milhões.

Nos últimos dois anos, Wes ganhou mais espaço no streaming, sobretudo por curtas de tons filosóficos. Seu último longa, "Astereoid City", hoje na Prime Video da Amazon, é um ímã de polêmicas, que, entre recepções dissonantes, tornou-se, mundo afora, um sucesso indie, com uma bilheteria estimada em US$ 54 milhões. Há quem o considere o longa-metragem mais pretencioso do realizador de "Três É Demais" (1998), mas há quem trate essa produção de US$ 25 milhões como seu filme mais ousado, vide o carinho da crítica francesa por sua narrativa taquicárdica.

O barulho que Wes fez de passagem pelo Festival de Cannes, na disputa pela Palma de Ouro de 2023, embala a carreira de um filme apoiado num elenco estelar, com direito a Scarlett Johansson, Tom Hanks, Jeffrey Wright e Seu Jorge. O músico brasileiro participa de um coro de cantores.

Atualmente no Brasil, tudo o que Wes rodou até "A Crônica Francesa" (2021) se encontra disponível na plataforma Disney+. "Asteroid City", que ficou com a Amazon, é o experimento mais radical da linha cinemática cartunística do realizador. Habitual parceiro do cineasta, o ator Jason Schwartzman está brilhante em cena. Ele é a alma de um elenco de astros em sequências que se parecem com croquis, com cores ressaltadas na fotografia de tintas exageradamente saturadas de seu habitual colaborador Robert D. Yeoman. Em algum momento, numa cidade fictícia no deserto, tudo ocorre de maneira tão veloz, tão ágil, com zero espaço para evolução de seus personagens (sobretudo o de um perdido Tom Hanks), que parecemos estar diante de um desenho do Papa-Léguas nos "Looney Tunes" da Warner Bros. Hanks tinha tudo para ser o Pernalonga a chefiar uma fauna de tipos exóticos, no papel de um conservador nato. Mesmo com todo o seu talento, ele não faz diferença alguma em cena. Só fiéis integrantes da trupe do diretor, como Schwartzman, Scarlett e Edward Norton, têm chance de brilhar. Seu Jorge também, em pequenas, porém, hilárias aparições como integrante de um corifeu de músicos, de roupas de caubóis.

Logo no início, Bryan Cranston, o Walter White de "Breaking Bad", aparece (magistralmente) como o mestre de cerimônias e narrador de um programa de TV em P&B dos anos 1950, no qual o episódio da noite se chama "Asteroid City". Sua narração é impecável, lembrando Roberto Maya em "Documento Especial". É ele quem anuncia que tudo se passa em 1955, em um lugar que não existe, onde fatos além da nossa imaginação ocorrem, a partir do que um dramaturgo e roteirista vivido por Edward Norton escreve.

Desse mote em diante, histórias paralelas se desenrolam em planos perpendiculares à história principal, fundindo o que é real e o que é ficção, com destaque para uma sequência antológica de Margot Robbie (a Arlequina de "Esquadrão Suicida") num balcão a dissecar uma história de amor de mentirinha fraturada.

No excesso, o filme se perde (e a gente se perde com ele), mas que tudo é divertido do início ao fim, é inegável, com direito a uma corajosa participação de Scarlett.

"Asteroid City" enche os olhos. Daí o respeito da Cinémathèque Française.

Um Ozon outonal

Premiado no Festival de San Sebastián, 'Quando Chega o Outono' reforça marcas autorais do campeão de bilheteria parisiense numa reflexão (com suspense) sobre a arte de envelhecer

Playtime Axia Films



Alex Abril/SSIFF



Novo longa do realizador parisiense François Ozon (ao lado), 'Quando Chega o Outono', se apresenta ao circuito exibidor discutindo a questão do etarismo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Alguma coisa François Ozon deve estar aprontando. Não há indícios de novos projetos do diretor parisiense responsável por sucessos como "8 Mulheres" (2002) no maior banco de dados do cinema, o Internet Movie Database (IMDB), o que é incomum, pois todo ano ele finaliza um longa e deixa já um projeto apontado para rodar nos meses seguintes. A ausência de informações sobre os próximos passos desse campeão europeu de bilheteria bagunça os prognósticos do mercado exibidor do Velho Mundo para 2025.

No Brasil, entretanto, as redes de multiplex com perfil arthoue (o chamado "cinema de arte"), tipo o Estação e o Cinesystem, já estimam cifras altas para a estreia do longa-metragem mais recente do cineasta, "Quando Chega o Outono" ("Quand Vient L'Automne"). Quinta-feira que vem (27/3), entra em cartaz esse drama sobre finitude e tolerância que rendeu a Ozon o prêmio de Melhor Roteiro no 72º Festival de San Sebastián, em setembro. Na França, a produção vendeu 674 mil ingressos.

"A morte é parte da vida e, ao pensar nela, eu fico refletindo sobre o quanto precisamos usar bem o tempo que temos. Eu só não imaginava que estava fazendo meu filme mais mortífero, pois pelo menos três pessoas perecem aqui, numa história que não fala de violência bruta, mas tem seus mistérios", explicou Ozon ao CORREIO DA MANHÃ em San Sebastián. "Meu empenho aqui era criar personagens que pudesse criar conexão com o público sobretudo por carregarem dois lados em si. Parecem agradáveis, no esforço de fazer o bem, mas erram, são falhos".

Titãs do melodrama (Fassbinder, Almodóvar, Douglas Sirk) fazem parte da dieta simbólica que formou o olhar de Ozon, mas as referências que leva para "Quando Chega o Outono" passa ao largo do folhetim. "Sou um diretor cinéfilo, mas o pavimento de onde eu parti aqui foi Simenon e sua literatura, pois a prosa policial dele investiga o subterrâneo. Percebi isso com (o diretor) Claude Chabrol, que foi quem melhor adaptou Simenon para as telas", explica Ozon, que usa a região da Borgonha como cenário, deixando a ambientação urbana da capital francesa de lado. "Num momento da História em que as artes parecem obcecadas com a juventude, eu tentei fazer um filme sobre um outro ritmo de vida num ambiente de natureza, usando signos da terra como um caminho para fazer uma reflexão sobre o tempo e debater a solidariedade".

Repleto de reviravoltas investigativas, "Quando Chega o Outono" é um Ozon crepuscular, com foco na ferrugem sobre os corpos, de olhos voltados para a velhice. O júri de San Sebastián, presidido pela cineasta catalã Jaione Camborda, encantou-se pela maestria com que o diretor domina convenções de dramaturgia ao se arriscar a fazer suspense onde se esperava um drama geracional. O desempenho tocante de sua protagonista, Hélène Vincent, serve a ele como um aríete. Ela interpreta Michelle, uma prostituta aposentada que, radicada numa vila, sonha em tomar conta do neto, mas lida com a antipática atitude de sua filha, Valérie (Ludivine Sagnier). A moça foi criada com muito amor, mas repudia sua mãe.

"Família é sempre um tema fascinante", diz Ozon.

Num jantar nada agradável naquele cantinho do Céu na Borgonha, Valérie se intoxica com cogumelos e para no hospital, numa crise grave, o que bagunça a relação das duas. Quando um ex-presidiário, Vincent (papel de Pierre Lottin, em brilhante atuação), passa a conviver com Michelle, a rotina daquela ex-garota de programa se complica ainda mais.

"Eu tinha uma tia toda fofa, daquelas que se encaixam no arquétipo da parente amável, toda boazinha, que, um dia, preparou um jantar regado a champignons para a família e todo mundo passou mal depois de comer. Quando soube desse caso, eu pensei: 'será que a tia queria envenenar a gente?'. Meu filme partiu daí, e, tendo a parceria com Hélène, uma mulher de 80 e poucos anos que age como se fosse uma garota, eu tentei discutir os espaços de ternura possíveis quando a gente envelhece. Não tenho medo de envelhecer, não nesse lugar em que o mundo associa 'ficar velho' com 'ficar só'. Não temo a idade nesse âmbito porque eu percebo a solidão nos processos mais corriqueiros da vida", diz Ozon, comemorando ainda a premiação de Lottin, em San Sebastián, com a láurea de Melhor Coadjuvante.

Vincent, o ex-detento interpretado por ele, é capaz de abrir brechas cômicas na trama com seus feitos inusitados. "Na forma como eu estruturo meus filmes, um sorriso de canto de boca da plateia conta mais do que uma gargalhada", diz Ozon.

Desde a sua estreia (em dose dupla), em 1988, com "Photo de Familie" e "Le Doigts Dans Le Vetre", Ozon realizou 16 curtas e uma média-metragem de 52 minutos ("Regarde La Mer"), antes de lançar seu primeiro longa: "Sitcom" (1998). Dali em diante, começou uma sucessão de títulos que foi coroada com o Grande Prémio do Júri da Berlinale, em 2019, por "Graças a Deus" ("Grâce à Dieu"), sobre delitos da Igreja Católica. No geral, ele segue uma linha pautada por investigações convulsivas sobre a paixão (como "Jovem e Bela", "Peter von Kant" e "Dentro da Casa", que lhe valeu a Concha de Ouro de San Sebastián, em 2012) ou caminha por comédias agudas sobre desencaixes comportamentais, como "Potiche – Esposa Troféu" (2010) ou "O Crime é Meu" (2023).

"Eu não estou preocupado em ganhar o Oscar", desabafa Ozon. "Minha preocupação é dar ao público uma experiência inusitada a cada filme".

EDITAL DE CULTURA

SESC PULSAR RJ

2025/26

INSCRIÇÕES GRATUITAS PRORROGADAS ATÉ ÀS

17h de 28/3/2025

/INCENTIVANDO A NOSSA ARTE

AINDA DÁ TEMPO DE INSCREVER O SEU PROJETO.

Inscreva-se na **5ª edição do Edital Sesc Pulsar**, que apoia e impulsiona propostas artísticas e culturais no Brasil. Os projetos escolhidos farão parte da programação das unidades do Sesc RJ ou em formato virtual em 2026.

Acesse:



Confira o edital completo no site
www.sescrio.org.br/pulsar

E faça a sua inscrição!



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

A energia está no palco

Em cerimônia no Teatro Riachuelo, Prêmio Shell seleciona os melhores espetáculos cênicos em sua 35ª edição

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Os vencedores da 35ª edição do Prêmio Shell de Teatro, a maior premiação das artes cênicas do país, foram anunciados na última terça-feira (18) em cerimônia realizada no Teatro Riachuelo, na Cinelândia. A premiação contemplou espetáculos que fizeram temporada no Rio e em São Paulo em 2024, além de se debruçar sobre espetáculos do Brasil inteiro, com a Categoria Destaque Nacional.

Com apresentação de Renata Sorrah e Clayton Nascimento e direção e roteiro de Zélia Duncan, a cerimônia foi aberta com uma grande homenagem a mais "primordial" das artes e às 35 edições do Prêmio Shell de Teatro, enaltecendo essa parceria longeva e tão importante para a cultura brasileira. Foram exibidas imagens de alguns dos vencedores ao longo da história da premiação, com locução de Nathalia Timberg.

A Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre, com mais de 40 anos de atividades ininterruptas, foi a homenageada da noite. Foi a primeira vez em que o Prêmio Shell de Teatro teve um homenageado único, eleito pelo conjunto de jurados de todas as regiões.

Divulgação



Foto com os vencedores do Prêmio Shell de Teatro 2025

OS VENCEDORES PRÊMIO SHELL DE TEATRO 2025

RIO DE JANEIRO

DRAMATURGIA
Pedro Emanuel e Vinicius Arneiro por "Língua"

DIREÇÃO
Dadado de Freitas e Mauricio Lima por "Arqueologias do Futuro"

ATOR
Othon Bastos por "Não me Entrego, Não!"

ATRIZ
Débora Falabella por "Prima Facie"

CENÁRIO
Beli Araujo e Cesar Augusto por "Claustrofobia"

FIGURINO
Claudia Schapira por "Améfrica: Em Três Atos"

ILUMINAÇÃO
Adriana Ortiz por "Um Filme Argentino"

MÚSICA
Beà Ayòóla pela direção musical de "Amor de Baile"

ENERGIA QUE VEM DA GENTE
Programa Enfermaria do Riso – UNIRIO - por desenvolver desde 1998 uma ação de extensão integrada entre os cursos de Teatro e Medicina para formação e pesquisa em torno de intervenções artísticas de palhaçaria em hospitais.

SÃO PAULO

DRAMATURGIA
Liana Ferraz por "Não Fossem as Sílabas do Sábado"

DIREÇÃO
Jéssica Teixeira por "Monga"

ATOR
Alexia Twister por "Rei Lear"

ATRIZ
Mel Lisboa – "Rita Lee, uma Autobiografia Musical"

CENÁRIO
C. Serroni por "Primeiro Hamlet"

FIGURINO
Eduardo Giacomini por "Cão Vadio"

ILUMINAÇÃO
Wagner Antônio por "Um Jaguar por Noite"

MÚSICA
Adilson Fernandes, Bruno Garcia, Carol Nascimento, Dani Nega, Flávio Rodrigues e Jonathan Silva pela direção musical e trilha original de "Maria Auxiliadora"

ENERGIA QUE VEM DA GENTE
Negócio Social Tereza - pelo trabalho realizado por egressas do sistema prisional em parceria com artistas teatrais para a confecção de figurinos em espetáculos como "Martinho, Coração de Rei - o Musical" e "Marrom, o Musical".

DESTAQUE NACIONAL:
A Força da Água - do Grupo Pavilhão da Magnólia, de Fortaleza - CE

O grupo surgiu em 1978 e durante esse tempo construiu uma trajetória que marcou definitivamente a paisagem cultural do Brasil, com sua iniciativa de subverter a estrutura das salas de espetáculos e o ímpeto de levar o teatro para a rua. A determinação em experimentar novas linguagens a fez seguir caminhos nunca trilhados por aqui. Foram vítimas das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul no ano passado e estão em processo de reconstrução.

O júri do 35º Prêmio Shell de Teatro é composto por Ana Luisa Lima (professora, produtora e gestora cultural), Biza Vianna (figurinista, diretora de arte e produtora cultural), Daniele Ávila (artista de teatro, crítica e curadora), Leandro Santanna (produtor cultural, gestor público e ator) e Paulo Mattos (curador e produtor cultural), no Rio de Janeiro, e por Evaristo Martins de Azevedo (crítico de arte), Ferdinando Martins (professor e crítico de arte), Lucelia Sergio (atriz, diretora e dramaturga), Luiz Amorim (ator, diretor e gestor em produção cultural) e Maria Luisa Barsanelli (jornalista), em São Paulo.

Já o corpo de jurados que analisou os espetáculos que disputaram a categoria "Destaque Nacional" reuniu nomes das cenas artísticas de Curitiba, Salvador, Fortaleza e Belo Horizonte. É formado por Dane de Jade (atriz, pesquisadora e gestora cultural), Giovana Soar (atriz, diretora, tradutora e curadora), Guilherme Diniz (pesquisador, crítico cultural e professor) e Marcio Meirelles (encenador, dramaturgo e gestor cultural).

Confira a relação completa dos vencedores por categoria no quadro ao lado.

CRÍTICA / TEATRO / ABSOLVIÇÃO

Deus, perdoai os nossos pecados

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Existem fatos sussurrados na calada dos ambientes. E os que nem poderiam acontecer e, por isso, nem são falados. Existem uns que, de tão abjetos, nem deveriam existir. O abuso infantil, de qualquer forma, merece o fogo dos infernos. Mas ele existe, insidioso, disfarçado em sua crueldade. É desse tema, no coração da Igreja Católica, que "Absolvição" se constrói como experiência teatral ousada e profundamente impactante.

A peça nasce das entrevistas com vítimas feitas pelo dramaturgo irlandês Owen O'Neill, em um país fortemente católico, o que confere profundidade à narrativa e aborda a justiça pelas próprias mãos. A direção de Daniel Herz foge do óbvio ao criar uma experiência estética envolvente, utilizando cadeiras como elementos cenográficos que representam os diferentes crimes.

Divulgação



O monólogo com encenação de Andriu Freitas joga luz sobre temas desconcertantes

Destaca-se a atuação de Andriu Freitas, que transita entre diferentes emoções e perspectivas do personagem. Sua entrega visceral demonstra domínio técnico e emocional. A forma como a peça se desenvolve como um depoimento do próprio personagem enriquece a narrativa, reforçando a ideia de que o espetáculo não fornece respostas definitivas, mas provoca questionamento. Para atingir o equilíbrio entre a brutalidade do tema e a reação da plateia, o cenário de Wanderley Gomes, um grande painel reproduzindo artisticamente a grade do confessionário, aproveita bem o espaço cênico reduzido. O figurino reforça o desfecho da narrativa, remetendo o personagem a um lugar de herói, o que sublinha a intenção de fugir do óbvio – e consegue lindamente.

A peça mergulha em camadas emocionais complexas, expõe a fragilidade e os dilemas humanos sem recorrer a facilidades ou clichês. A coragem da dramaturgia está na forma como conduz o espectador por uma jornada intensa, sem temor de escancarar verdades desconfortáveis.

SERVIÇO
ABSOLVIÇÃO
Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 249/E - Copacabana) | Até 30/3, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | R$ 60 e R$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Stephany Brito/Divulgação



O herói esquecido

"Turmalina 18-50", em cartaz no Teatro Ipanema, refaz os caminhos percorridos por João Cândido, líder da Revolta da Chibata. O premiado espetáculo da Cia. Cerne relembra os abusos sofridos pelos marinheiros negros até a primeira década do século passado, exalta a Revolta da Chibata, marco na luta por igualdade racial em nosso país, denuncia o esquecimento intencional a que esta revolta e suas consequências foram submetidas e apresenta a vida de João Cândido, um herói nacional pobre e esquecido, incógnito na Baixada Fluminense.

E a revolução?

Estreia no Sesc Tijuca o espetáculo "Foi Enquanto eu Esperava a Encomenda de um Livro de Maiakóvski que Tive uma Epifania Sobre a Revolução". A montagem do premiado Grupo Pano, de São Paulo, une música ao vivo, palhaçaria e sátira social, combinando humor, absurdo e poesia para criticar a inércia na transformação do mundo. Com dramaturgia e direção de Caio Silviano, a trama acompanha quatro revolucionários que aguardam um livro de Maiakóvski para encontrar a inspiração que falta ao seu plano.

Nil Canine?/Divulgação



Nil Canine?/Divulgação



Legado de Aderbal

O Teatro Gláucio Gill apresenta a exposição Aderbal Teatro Cidade, homenageando Aderbal Freire-Filho, diretor de teatro, ator e apresentador, falecido em 2023. Com curadoria de César Oiticica Filho, a mostra celebra a obra de Aderbal que criou, em 1989, no próprio Gláucio Gill, o Centro de Demolição e Construção do Espetáculo (CDCE), um marco da dramaturgia brasileira. Idealizada por Rafael Raposo, com conceito visual de Lea van Steen, a exposição extrapolará as fronteiras do espaço, sendo apresentada também na Praça Cardeal Arcoverde.

SHOW

FEBRE 90's
✱MC Pumapjl e o beatmaker SonoTWS apresentam seu projeto de hip hop contemporâneo Febre 90's. Sexta (21), às 22. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). R$ 100 e R$ 50 (meia)

WATUSI IN CONCERT
✱A cantora que encantou a Europa nos anos 1970 brinda o público com interpretações apaixonantes de sucessos em diversas línguas: português, inglês, italiano, francês, espanhol e até japonês numa verdadeira demonstração do talento multifacetado da cantora. Sex (21), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R$ 60

SONJA
✱Destaque na nova cena do blues carioca, a cantora mostra as canções autorais de seu novo disco, "Rainha de Copas". Sex (21), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R$ 60

TEATRO

ONDE VIVEM OS BÁRBAROS
✱A dramaturgia do premiado autor chileno Pablo Manzi recebe adaptação que transporta a trama para a realidade brasileira, ressignificando personagens e eventos históricos. Direção de de Patrick Sampaio. Até 31/3, Sáb a seg (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R$ 60 e R$ 30 (meia)

LADY
✱Susana Vieira encarna uma atriz se preparando para o papel de Lady Macbeth numa dramaturgia que mistura sua vida e a da vilã shakesperiana. Até 26/3, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A- Leblon). Entre R$ 60 e R$ 180

MÃO NA BARRA, PÉ NO TERREIRO
✱O espetáculo com Ivanna Cruz, conta a vida de Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Theatro Municipal, dançarina e coreógrafa que revolucionou a dança contemporânea no Brasil, quebrando barreiras e inspirando gerações. Até 23/3, sex a dom (15h e 20h). Teatro Domingos de Oliveira (Av. Padre Leonel Franca 240 - Gávea). R$ 40 e R$ 20 (meia)

Divulgação



Floresta Amazônica

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Nana Moraes/Divulgação



Lady

A COISA
✱A ideia é a peça dentro da peça, mas vai além na criação colaborativa do trio de atores no palco. Brinca com as correntes tradicionais de teatro e não deixam pedra sobre sobre pedra. Até 26/3, ter e qua (20h). Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon). R$ 70 e R$ 35 (meia)

DO QUE SÃO FEITAS AS ESTRELAS
✱Peça conta a história da astrônoma e cientista britânica Cecilia Payne-Gaposchkin que descobriu do que são feitas as estrelas e que, aos 25 anos, enfrentou o ambiente machista que dominava a ciência. Até 13/4, aos sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Teatro I): Rua Barão de Mesquita, 539. R$ 20, R$ 10 (meia), R$ 5 (associado Sesc) e gratuito (PCG)

Luis Teixeira Mendes/Divulgação



Watusi

Patrícia Bueno/Divulgação



Mão na Barra, Pé no Terreiro

Robert S/Divulgação



Rota do Chá

Divulgação



As Cores da América Latina

Divulgação



Sonja

MEDEIA

✱A montagem de Gabriel Ribeiro reconta texto clássico do grego Eurípides sobre a mulher que cometeu fratricídio e abandonou a família para seguir Jasão, seu marido, até Corinto. Mas quando ele a trai, ações desesperadas em busca de vingança são tomadas. Até 26/3, ter e qua (20h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R$ 30 e R$ 15 (meia)

TEMPEROS DE FRIDA

✱O espetáculo resgata a força e a sensibilidade de Frida Kahlo, promovendo um encontro singular com Catrina, a Dona Morte. Até 27/3, qua e qui (19h30). Casa de Cultura Laura Alvim - Sala Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R$ 40 e R$ 20 (meia)

AS CORES DA AMÉRICA LATINA

✱Espetáculo do grupo amazonense Cia Panorando e que já se apresentou em diversos festivais mescla teatro, dança e manifestações culturais do continente. Direção: Fábio Moura e Talita Menezes. Até 23/3, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R$ 30, R$ 15 (meia) e R$ 8 (associado Sesc)

VINTE!

✱A montagem revisita, em chave ficcional, os movimentos artísticos negros no Rio dos anos 1920 e aposta em uma experimentação cênica e sonora inspirada no choro, jazz e samba. Direção de Mauricio Lima e texto de Tainah Longras. Até 6/4, de qui a sáb (19h) e dom (18h). CCBB RJ I - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66). R$ 30 e R$ 15 (meia)

DANÇA

FLORESTA AMAZÔNICA

✱Reapresentação do primeiro ballet 100% brasileiro com coregrafias de Dalal Achcar para a música de Villa-Lobos. Até 23/3, sex (20h), sáb e dom (16h). Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia). Entre R$ 22,50 e R$ 120

EXPOSIÇÃO

GEOMETRIA INQUIETA

✱Mostra revela a obra escultor Ascânio MMM, marcada pela estética minimalista e geométrica. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R$ 10, R$ 5 (meia) e grátis (qua)

FAZER O AR

✱A artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta sua mais recente produção: 16 obras inéditas que exploram a interação entre volume e ar. Até 11/5, de ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro). Grátis

ROTA DO CHÁ

✱Exposição conta a rica história do chá, desde a China milenar. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

✱A artista plástica Ana Luiza Varella apresenta obras que exploram o fenômeno do encontro das águas e seus mistérios. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria de Arte IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

ENTRE A TERRA E A ETERNIDADE

✱Coletiva reúne trabalhos de 10 artistas indígenas que evocam memórias coletivas, resistência cultural e os ciclos de transformação que atravessam gerações de seus povos. Até 26/4, ter a sex (11h às 18h) e sáb (13h ás 18h). Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visc. Rio Branco, 481 - Centro). Grátis

INFANTIL

A HORA DO CONTO

✱Contação de histórias a partir de "Chupim", o primeiro livro infantil do premiado Itamar Vieira Jr. Sáb, dom e fer (14h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

Divulgação



Fábio Porchat tira de seu baú de memórias as histórias mais pitorescas de suas viagens pelo mundo

O riso com ele é **garantido**

Contando relatos hilariantes de suas viagens, Fábio Porchat é a atração do penúlimo final de semana do Festival O Humor Contra-Ataca no Qualistage

Desde a Antiguidade, pensadores das mais variadas linhas teóricas tecem teorias acerca do humor. Uma das visões mais correntes nos dias de hoje é a de que ele facilita as relações sociais, sendo muitas vezes o primeiro passo para aproximar duas pessoas. Os antigos também diziam que rir é o melhor remédio. Não importa a definição, mas todos sabem que rir é muito bom. Nesta sexta-feira (21), às 21h, o comediante Fábio Porchat apresenta seu espetáculo de stand-up "Histórias do Porchat".

Desde que estreou, há quatro anos, o stand-up do horista apresenta uma repertório de narrativas impagáveis capaz de arrancar risadas incontroláveis da plateia pelo Brasil e pelo mundo. O espetáculo já visitou 33 cidades brasileiras e circulou por seis países.

Porchat conta que, ao longo de suas inúmeras viagens, acumulou experiências únicas, desde encontros com gorilas em safáris africanos até situações hilárias, como uma massagem quase erótica na Índia e uma improvável dor de barriga no Nepal. Essas vivências se transformam em combustível para uma apresentação cheia de humor e descontração. O show já teve 364 sessões e impactou mais de 310 mil espectadores. Além do sucesso no Brasil, "Histórias do Porchat" conquistou plateias internacionais em Angola, Espanha, França, Irlanda, Portugal e Suíça.

Além da carreira como humorista, Porchat se destaca como roteirista, apresentador e fundador do Porta dos Fundos, grupo que revolucionou a comédia no Brasil com um canal de Youtube e tem hoje 18,5 milhões de internautas inscritos. No Qualistage, ele sobe ao palco garantindo uma noite de boas risadas para o público. "É uma maravilha poder estar de volta ao teatro, com gente de verdade na frente. As pessoas estão precisando sorrir. Por isso, resolvi fazer um espetáculo sem polêmica, sem política, para geral ficar dando risada durante uma hora, esquecendo os problemas da vida e, justamente, poder extravasar coletivamente. Rir junto, todo mundo, gargalhar; então é uma maravilha poder contar minhas histórias e ver que elas conseguem fazer o público sair do lugar comum", conta.

O comediante criou uma premiação, o Prêmio I Love PRIO do Humor, para estimular o gênero que, segundo ele, costuma ser negligenciado em relação ao drama nos prêmios de artes cênicas. "A comédia nunca recebe as glórias. Quando somos indicados para algum já é uma alegria. A tendência é sempre premiar o drama. A comédia é o gênero que gera mais receita, leva mais público ao teatro e ao cinema, faz pessoas voltarem às salas. Comédia precisa ser celebrada, e um prêmio como esse acaba exaltando nomes já consagrados e outros novos no cenário", disse recentemente. Depois da edição paulista, a premiação dos espetáculos de humor encenados no Rio será na próxima terça-feira (25).

SERVIÇO

FÁBIO PORCHAT - HISTÓRIAS DO PORCHAT

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
21/3, às 21h
Ingressos entre R$ 60 e R$ 180

Por Affonso Nunes

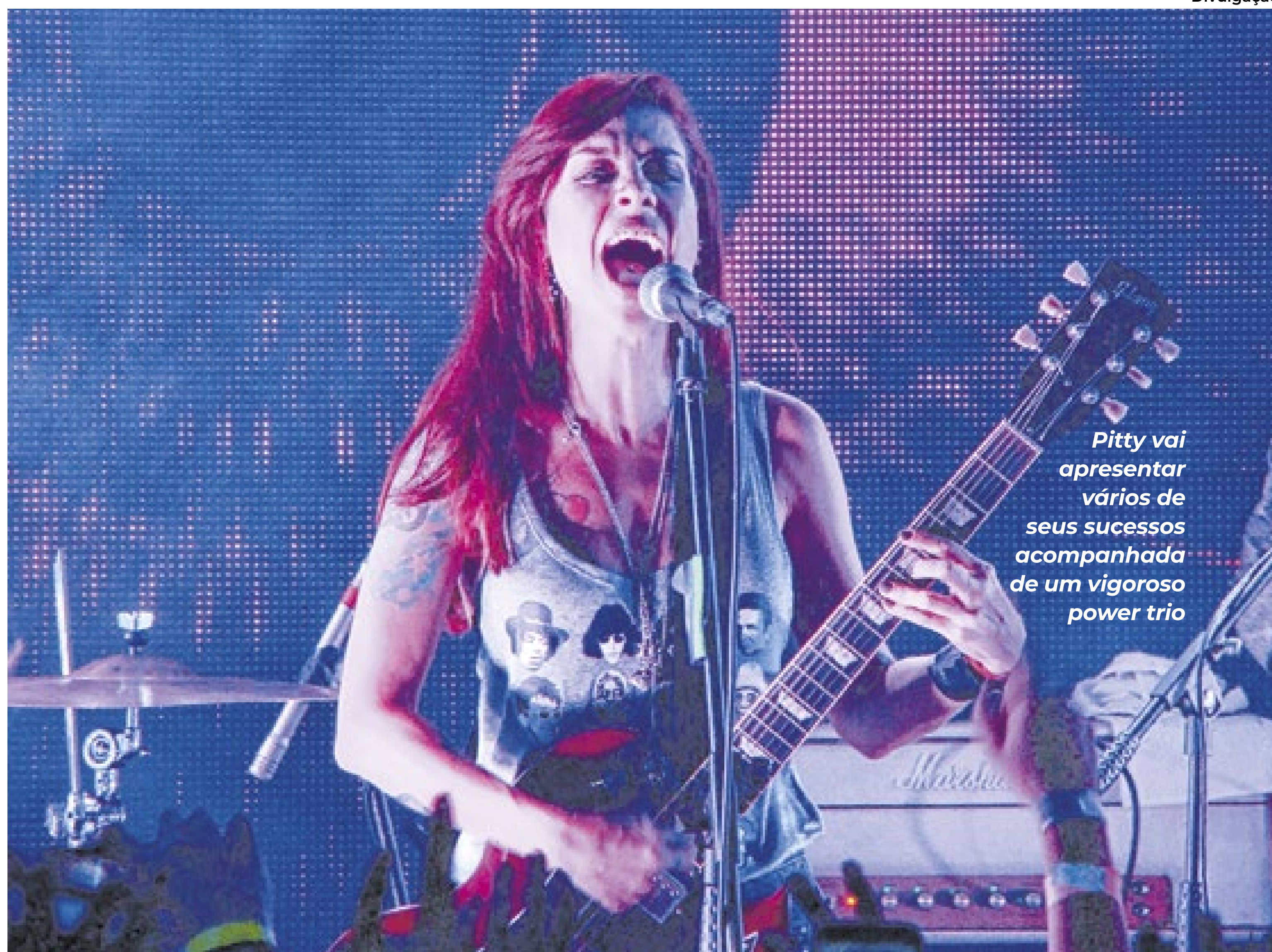
Uma das vozes mais marcantes do rock brasileiro, Pitty se apresenta neste sábado (22), na Fundição Progresso. O show faz parte da turnê iniciada em 2024, que já percorreu 11 estados e mais de 30 cidades. Esse novo espetáculo sucede a turnê comemorativa pelos 30 anos de "Admirável Chip Novo", na qual a cantora revisitou o repertório de seu álbum de estreia, o trabalho que lhe abriu as portas para uma carreira de sucesso, revigorando o gênero.

Nascida em Salvador e criada em Porto Seguro, Priscilla Novaes Leone cresceu cercada por influências musicais variadas, do rock ao baião. Seu primeiro contato com a música aconteceu no início da adolescência, quando cantava com o pai, Nonato Leone, músico e guitarrista, em apresentações em bares de Porto Seguro. Nos anos 1990, Pitty mergulhou na cena hardcore baiana como vocalista da banda Inkoma.

Em 2002, enquanto cursava a faculdade de música em Salvador, Pitty continuava a compor novas canções, sem a pretensão de gravá-las naquele momento. Foi quando o produtor musical e diretor artístico Rafael Ramos, da gravadora Deckdisc, demonstrou interesse pelo seu trabalho e a convidou para gravar uma demo nos estúdios da gravadora. Após ouvir e aprovar a demo, Rafael a convidou para ir ao Rio e gravar seu primeiro álbum solo. lançado em 2023, "Admirável Chip Novo" tornou-se um marco do rock brasileiro, impulsionado por faixas como "Máscara", "Equalize" e "Teto de Vidro".

Desde então, a artista baiana construiu uma discografia consistente, transitando entre o rock, a MPB e elementos eletrônicos. Lançou álbuns como "Anacrônico" (2005), "Chiaroscuro" (2009) e "Setevidas" (2014), sempre explorando novas sonoridades e temáticas. Em 2019, revisitou suas raízes em "Matriz", álbum que dialoga com ritmos da Bahia e conta com colaborações de BaianaSystem e Larissa Luz. Além da carreira musical, tem passagens pela TV como apresentadora e como escritora, lançando dois livros que exploram suas reflexões sobre arte e vida: "Reciprocidade" (2019), uma coletânea de pensamentos pessoais e relatos sobre sua experiência na indústria musical, misturando diário, ensaio e reflexão; e "Já De Volta ao Planeta" (2021), que mistura poesia e prosa.

Divulgação



Pitty vai apresentar vários de seus sucessos acompanhada de um vigoroso power trio

Mais roqueira do que nunca

Pitty traz show da nova turnê em show com ingressos esgotados na Fundição Progresso

Famosa por sua presença de palco enérgica e vibrante, Pitty tem o costume de lotar os espaços onde se apresenta, e desta vez não foi diferente: os ingressos para o show deste sábado estão esgotados.

Com direção artística e concepção assinadas por ela mesma, a cantora sobe ao palco ao lado do power trio formado pelos músicos Martin Mendonça (guitarra), Paulo Kishimoto (baixo) e Nico (bateria).

O repertório reúne faixas de toda a sua discografia, sempre com surpresas para os fãs mais fiéis. O setlist inclui músicas como "Anacrônico", "Serpente", "Te Conecta", "Máscara", "Equalize" e "Me Adora", entre outros sucessos.

Em janeiro, Pitty levou sua energia ao Festival de Verão de Salvador, em um show que contou com a participação de Melly. No mesmo mês, gravou com o BaianaSystem uma nova versão de "Bicho Solto", faixa do álbum "Matriz", incorporada à canção "Cobra Criada", do Baiana. Outro destaque recente é "Ensacado", single do novo álbum de Josyara, lançado em fevereiro.

SERVIÇO

PITTY
Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa)
22/3, às 21h
Ingressos esgotados

Bendito seja o grunge

Referência na cena musical de Seattle, o Mudhoney volta ao Brasil após hiato de 10 anos

Emily Rieman/Divulgação



O Mudhoney é, ao lado de Nirvana, Pearl Jam, Soundgarden e Alice in Chains, um dos símbolos da cena grunge de Seattle

Divulgação





Frogslake (esquerda) e Grindhouse Hotel completam a noite com seus trabalhos autorais

Por **Affonso Nunes**

Preparem para tirar dos armários suas camisas quadriculadas de flanela e aqueles jeans e tênis surrados. Demorou, mas finalmente chegou o momento de rever uma referência do grunge em solo brasileiro. Após uma década sem se apresentar por aqui, o Mudhoney retorna para uma apresentação única neste sábado (22) no Circo Voador. E para completar a noite, as bandas brasileiras Frogslake e Grindhouse Hotel vão fazer a abertura, mostrando que o gênero, que explodiu nos anos 1990 e 2000, segue firme e forte. Antes e depois das apresentações, DJ Julio EleMesmo vai agitar a pista.

O grunge teve um impacto profundo na música e no comportamento cultural dos anos 1990, especialmente ao proporcionar uma reação contra os excessos do rock da década anterior, com seu glam e o hard rock mais polido. Com suas guitarras sujas e distorcidas, letras introspectivas e atitude descompromissada, o grunge se tornou a voz de uma geração que rejeitava as normas estabelecidas, refletindo uma era de angústia, insatisfação e alienação. Bandas como Nirvana, Soundgarden e Mudhoney não apenas revolucionaram o som do rock, mas também influenciaram a moda e o comportamento, trazendo uma estética de roupas simples e descontraídas, como flanelas e jeans rasgados.

Formado em Seattle (EUA), o Mudhoney é um dos maiores nomes da cena musical surgida naquela cidade ao lado de bandas como Nirvana, Soundgarden, Pearl Jam e Alice in Chains. "Nós começamos como uma forma de nos divertir e fazer algo diferente, sem grandes expectativas. Queríamos algo cru, algo que não fosse tão polido quanto o rock que estava sendo feito na época. Não havia uma grande cena grunge ainda, era só um monte de bandas de amigos tocando juntas, e nós nos vimos fazendo algo que acabou se tornando grande, mas no começo era só diversão", comenta Mark Arm (vocais e guitarra).

Além dele, a formação original do grupo Steve Turner (guitarra), Matt Lukin (baixo) e Dan Peters (bateria). Lukin deixou a banda em 1999 e foi substituído por Guy Maddison, que é o atual baixista do grupo.

Com uma trajetória sólida e 12 álbuns de estúdio no currículo, o grupo retorna aos palcos brasileiros com o elogiado "Plastic Eternity", lançado em 2023.

O grupo tem em sua bagagem performances intensas e enpérgicas, com sua mistura de punk e garage rock. A banda promete um repertório que contempla seus clássicos e canções mais recentes, naquele clima de viagem no tempo que os fãs tanto curtem.

Ao lado do Mudhoney, o rock nacional também estará em grande estilo. A Frogslake, diretamente de São Gonçalo, é uma das principais representantes do grunge no Brasil. Com mais de 10 anos de estrada, a banda consegue conectar o legado dos anos 90 com uma nova geração de fãs, criando um som autêntico e atual. Com China (vocal e guitarra), Alessandra (baixo), Pletz (guitarra) e Rogger (bateria), a Frogslake traz para o palco as músicas do seu poderoso álbum "Take Me Out" (2022), que foi produzido por Billy Maia (DNMT Records) e masterizado por Jack Endino, o lendário produtor de Seattle.

E, para fechar o pacote grunge, o Grindhouse Hotel, de São Paulo, chega com sua mistura de stoner rock e um toque de hard rock. Formada por Leandro Carbonato (voz e guitarra), Roger Marx (baixo), Luiz Natel (guitarra) e José Monaco (bateria), a banda é uma usina de riffs pesados, linhas de baixo que conectam o som com precisão e uma bateria cadenciada que impõe seu ritmo. Sem firulas, o Grindhouse Hotel traz um rock cru e direto ao ponto, ideal para quem ama o verdadeiro espírito do rock'n'roll.

SERVIÇO

MUDHONEY (abertura: Frogslake e Grindhouse Hotel)
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 22/3, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R$ 280 e R$ 140 (meia)

Recital pop à moda Zeca Baleiro

Acompanhado pelo pianista Adriano Magoo, cantor e compositor revisita canções que fizeram sua cabeça e suas pérolas autorais



Divulgação

Zeca Baleiro e Adriano Magoo no show 'Piano'

Por Affonso Nunes

O Teatro Rival Petrobras está completando 91 anos neste sábado (22) e, para celebrar o aniversário de um palco tão tradicional e querido dos cariocas, Zeca Baleiro apresenta o show "Piano", um recital pop que mescla canções de sua trajetória com releituras de músicas que marcaram sua vida. Acompanhado por Adriano Magoo (piano, sintetizadores, samplers e acordeon), o cantor e compositor promete surpresas, incluindo faixas inéditas e sucessos reinventados. A apresentação acontece nesta sexta (21) e se repete no sábado.

Baleiro explica que esse projeto teve início em 2011, quando ele e Magoo fizeram uma pequena turnê juntos. Desde então, o repertório foi atualizado e agora traz nomes como Fausto Nilo e Belchior. Algumas músicas da fase inicial permanecem no setlist, como "Não adianta" (Sergio Sampaio), "Esotérico" (Gilberto Gil) e "Espinha de bacalhau" (Severino Araújo). Entre as composições do próprio Baleiro, estão "Respira" (parceria com Chico César), além de "Babylon", "Bandeira" e "Telegrama".

"Sempre gostei de transitar por diferentes universos musicais, e esse show me dá essa liberdade", comenta Zeca. "Levamos a primeira versão dele a poucos lugares há 10 anos, e agora temos a chance de revisitá-lo com novas canções e arranjos."

Com mais de 25 anos de carreira, o maranhense Zeca Baleiro se firmou como um dos compositores mais originais da música brasileira contemporânea. Seu trabalho transita entre MPB, pop, rock e elementos regionais, misturando lirismo, ironia e referências culturais diversas. Desde seu álbum de estreia, "Por Onde Andará Stephen Fry?" (1997), ele construiu uma discografia marcada por sucessos como "Flor da Pele", "Lenha" e "Telegrama", além de colaborações com nomes como Zélia Duncan, Fagner e Chico César. A abordagem experimental e inquieta é uma das marcas registradas deste que é um dos mais inventivos compositores brasileiros. Sua obra singular consegue a proeza de equilibrar letras profundas com melodias leves e divertidas.

SERVIÇO
ZECA BALEIRO - PIANO
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
21 e 22/3, às 19h30
Ingressos entre R$ 42 e R$ 100

CRÍTICA / DISCO / COM QUE ROUPA?

O Noel que Carlos Careqa tem em si

Por **Aquiles Rique Reis***

"Com Que Roupa?" (Barbearia Espiritual Discos), o novo EP de Carlos Careqa, é um álbum criado para demolir convenções, vocação primeira de um artista sempre disposto a profanar o usual. Algo que ele faz com a convicção de quem não se vale apenas de seu canto meio rouco, teatral de tudo e anticonvencional. Faz com a coragem de um Davi que desafia os Golias do mercado. Queimando convenções, substituindo o usual pelo desvelo de seu talento, sua obra fala por si, e fala, também, por outros que não se cansam de ouvir suas "descomposições".

Influenciado por Chico Mello (compositor curitibano residente em Berlim), Careqa vai mostrando as canções de Noel Rosa através de uma interpretação original, levada às últimas consequências. Como um Mario Reis do século XXI, deu o passo mais certeiro para fazer deste novo trabalho algo especial. Ao trazer para o álbum o multi-instrumentista Marcio Nigro – parceiro identificado com as maluquices que lhe foram apresentadas por Careqa –, elevou andares acima tudo o que se poderia imaginar de uma concepção instrumental para interpretar Noel Rosa.



Divulgação

Carlos Careqa e Marcio Nigro não temeram conspurcar o trabalho do icônico compositor da Vila Isabel. Ao contrário, idolatraram sua tradição por um viés oposto, dando-lhe jeito renovado em sua pureza e acrescentando intenções musicais que só os grandes têm coragem de fazer. Agora, ao EP, que pode ser ouvido no link https://acesse.one/gSa8e.

"Com Que Roupa?" vem com levada da produção eletrônica de Nigro. CC canta em duas vozes que se sobrepõem. Suas divisões rítmicas atraem suingue pro samba.

"João Ninguém": a capella, CC entra em cena. Nigro traz a harmonia arritmo. A tragédia do João Ninguém palpita sobre acordes que se repetem. Logo, a levada ganha ritmo, acirrando a história tristonha do personagem.

"Palpite Infeliz": o samba vem como se tocado numa caixa de fósforos. CC brilha. O suingue desponta. O bom humor de Noel flui na interpretação de um não-sambista, mas que canta como se fosse um. E assim vai até o momento em que Nigro muda a pegada, com acordes eletrônicos repetidos, e chama CC, que se ajunta a ele.

"Três Apitos": o ritmo marcado repetidamente pelo computador de Nigro deixa CC cantar a saudade do amante rejeitado. Com voz intensa, ele deixa ver que com ela a intenção original de Noel ganha novo e mais triste enredo. Uma pausa teatral antecede o fim do arranjo.

"Último Desejo": CC vem a capella. Nigro usa sons eletrônicos repetidos, tocados em blocos, que se confundem com ruídos metálicos. Mesmo com algumas notas diferentes da original, com voz sussurrada, CC reforça a dramaticidade dos versos, cantando-os como ainda não se ouvira.

Olha só, Carlos Careqa, certa vez eu escrevi que você, por ser um esquadrinhador irrequieto, um alucinado "desarrumador" de convenções, tem bicho carpinteiro nas ideias. Graças aos deuses, você continua tendo.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

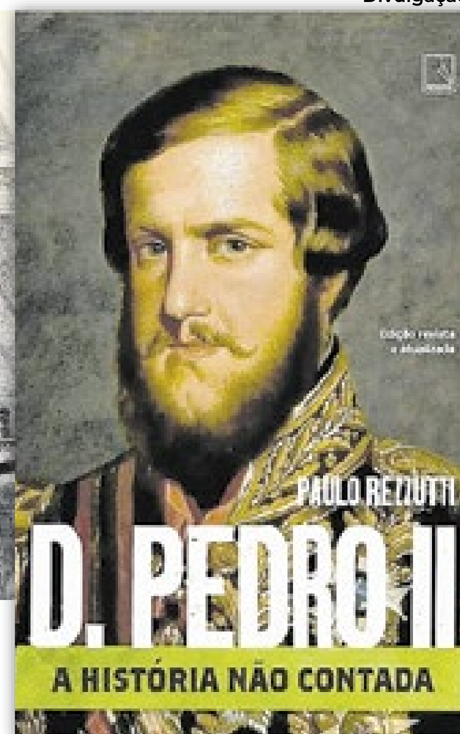
CRÍTICA / LIVROS

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Instituto Sébastien Sisson



Divulgação



D. Pedro II, em gravura do ilustrador francês Sébastien Sisson. O imperador era namorador e mulherengo, embora mais discreto que o pai, revela Paulo Rizzuti em biografia que destaca mais a vida pessoal do monarca do que sua gestão

A vida dos **outros**

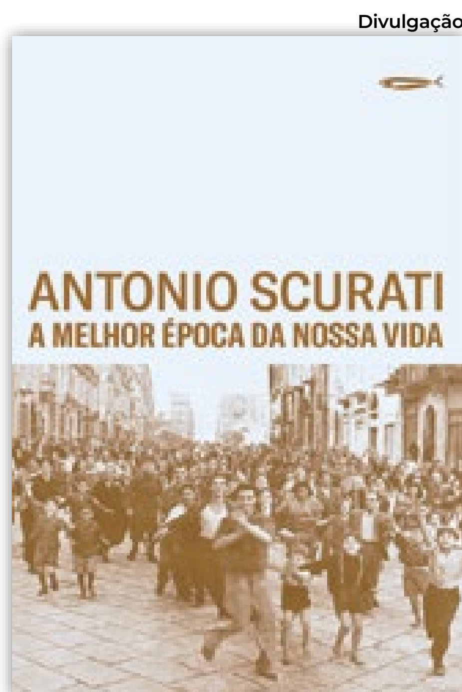
Quem diz que não gosta de indiscrições e curiosidades sobre os outros ou é autocentrado em demasia ou mentiroso. A vida alheia interessa a quase todos os leitores. Aparentemente, sempre existem segredos a serem descobertos de figuras históricas, mesmo as que já tiveram a vida um bocado revolvidas. Por isso “D. Pedro II – A história não contada” (Record, R$ 99,90), de Paulo Rezzuti, ganha nova edição revista e atualizada, tratando das traquinagens do segundo imperador, homem culto, educado para ser estadista, bastante sem graça e namorador – não um sátiro como o pai, mas colecionador de paixonites.

As amantes de Pedro, homem circunspecto em um sólido casamento de muito companheirismo com a imperatriz Teresa Cristina, zelavam pela mesma discrição que o amado. As cartas românticas eram trocadas com diversas mulheres da corte, a mais conhecida delas, a condessa de Barral, preceptora das princesas Isabel e Leopoldina. A biografia enfatiza mais a vida pessoal do imperador do que sua gestão política e jamais o torna um protagonista interessante. Órfão de mãe, deixado pelo pai ainda menino no Brasil, Pedro II afirmava que se pudesse, seria professor, considerando seu cargo um fardo difícil de carregar.

Quem gosta daquelas histórias sobre pessoas que “fazem a diferença” há de se comover com o empenho do irlandês Niall Harbinson, que administra uma organização para resgatar e cuidar de cães abandonados e/ou maltratados na Tailândia, onde vive. Em “Os cães que me salvaram” (Intrínseca, R$ 59,90), ele recorda sua carreira bem-sucedida em marketing e mídias digitais, quando sofria de dependência de drogas e álcool.

Inspirado por seu labrador Snoop, que havia adotado em um abrigo na Inglaterra, decidiu cuidar e procurar lares para cães em situação de rua. O livro é quase uma visita ao Instagram, com histórias comoventes sobre cachorros de todas as raças e idades encaminhados à organização Happy Doggo, que atende a 10 mil cães de rua.

Divulgação



Divulgação



No Brasil e em boa parte do mundo, Leone Ginzburg é uma nota na biografia da aclamada escritora Natalia Ginsburg, ou na de seu filho, o historiador Carlo, por sua vez pai da romancista Lisa. Em 1943, Leone, professor, escritor e editor que participava ativamente da resistência ao fascismo, foi morto sob tortura na prisão. Tinha 34 anos, três filhos pequenos e estava na mira da polícia política desde 1934, quando se recusou a jurar fidelidade ao regime fascista, como outros 13 professores de universidades estatais italianas.

Antes disso, já havia sido preso por contrabandear literatura antifascista pela fronteira suíça. Em 1940, já casado com Natalia, a família é exilada em uma aldeia do interior, um tempo que a escritora classificou como “A melhor época da nossa vida” (Mundaréu, R$ 78,90), título escolhido por Antonio Scurati para seu chamado autoclassificado romance documental.

O livro é de 2015, antes de Scurati receber o Strega, o maior prêmio literário da Itália, por “M, o filho do século”, uma trilogia sobre Benito Mussolini e a sociedade italiana de então. Em “A melhor época”, Scurati já exercita o entrelaçar de diversos personagens: além dos Ginzburg, seus avós, os Ferrieri e os Scurati, têm suas trajetórias contadas, ilustrando a dificuldade da sobrevivência sob a ditadura.

Vitor Brugger/Divulgação



Henriqueta

Aquele francês com *alma brasileira*

Divulgação



Parada de Copa

Divulgação



Bar de Sto António

Divulgação



Bar Jobi

Veja um roteiro de sanduiches com o pão mais amado do Brasil

Por **Natasha Sobrinho**
(@resataurants_to_love)
Especial para o Correio da Manhã

O pão francês é um dos pães mais tradicionais e amados do Brasil! Conhecido por sua casca crocante e miolo macio, é de origem francesa, mas foi adaptado ao gosto brasileiro. Crocante por fora e macio por dentro, se tornou um item essencial nas mesas, ganhando um dia só para ele, o 21 de março. Para celebrar a tradição veja um roteiro com sanduíches que tem o pão francês como protagonista:

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Suru Bar

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Jurubeba

Bar de Sto António – Na nova casa de culinária portuguesa do chef Alexandre Henriques é possível encontrar no cardápio o Prego de carne (R$ 86), tradicional sanduíche português, servido no pão francês e acompanhado de batata portuguesa. Rua Humberto de Campos, 827/B – Leblon. Tele: (21) 3518-0810.

Bar Jobi – O tradicional bar português, no Leblon, tem como um dos seus carros-chefes o sanduiche de filé com queijo que é servido no pão francês (R$ 51). Av. Ataulfo de Paiva, 1166. Tel: (21) 2274-0547.

Henriqueta - Na tasca portuguesa, no Leblon, o cardápio apresenta algumas opções de sanduíches. Destaque para o Biff-Anas Açorianas (R$ 39), sanduíche de pão crocante feito na casa e recheado com lombo de porco temperado em vinha d'alho e frito na banha de porco. Rua Aristides Espínola, 121. Tel: (21) 3490-6261.

Jurubeba - No novo bar do chef Elia Schramm, em Botafogo, é possível encontrar opções de sanduíches com pão francês como o Copacabronx (R$ 35), de pernil com queijo prato e picles de abacaxi e o Oswaldinho (R$ 39), com rosbife, queijo prato e manteiga de alho. Rua Real Grandeza, 196.

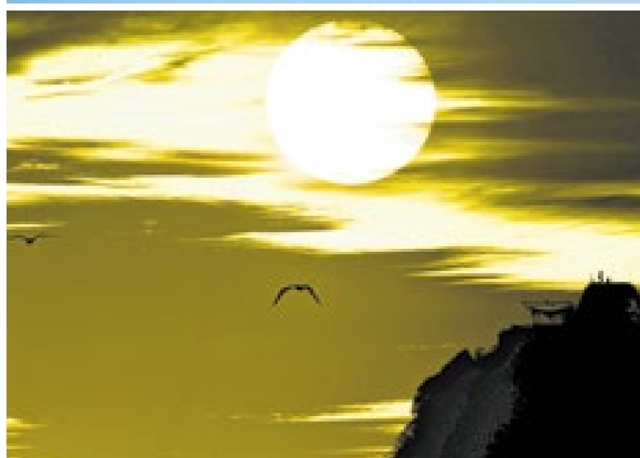
Parada de Copa - A casa, premiada por seus sanduíches, tem um cardápio repleto de opções como o pernil com abacaxi e queijo, servido no pão francês (R$ 38). Rua Vinícius de Moraes, 102 – Ipanema. Tel: (21) 3936-0450.

Suru Bar – A casa, localizada na Lapa, tem várias opções de sanduíches no pão francês. Destaque para o de cupim acebolado (R$ 27), sucesso do bar. Rua da Lapa, 151. Lapa. Tel: (21) 3591-1524.

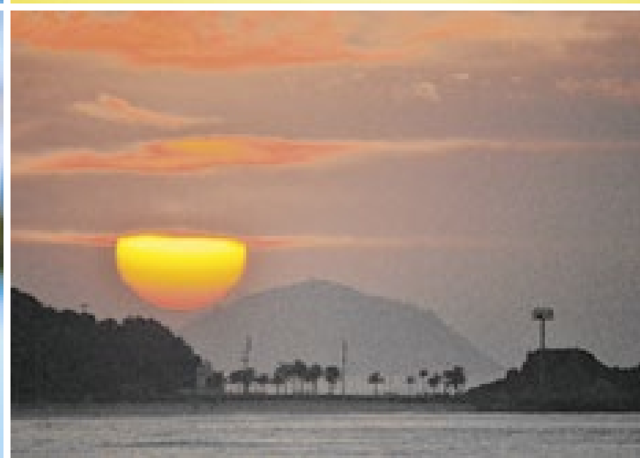












Ele, quem sabe, passarinho

O maior cronista brasileiro de todos os tempos, há trinta e cinco anos, bateu asas e vou para os pomares celestiais. Metamórfico, é passarinho ou borboleta amarela no firmamento.

O Poeminho do Contra, de Mario Quintana, bem que poderia ter como fonte de inspiração Rubem Braga. Amante incondicional da natureza, Rubem morava numa cobertura no 22° andar na rua Barão da Torre, no bairro carioca de Ipanema, cercado de aquários de peixes, pássaros que criava soltos, flores, uma horta para lá de aromática, um pomar com pitangueiras e jabuticabeiras de dar inveja a muitos sitiantes, onde eram colhidas pequenas frutas. Um verdadeiro Jardim Suspenso de Ipanema que lhe rendeu o apelido, dado por Paulo Mendes Campos, de: "O único lavrador de Ipanema".

Em 1932, cobriu a Revolução Constitucionalista, deflagrada em São Paulo, para os "Diários Associados"; foi preso. Ali começava, de fato, sua carreira como jornalista.

Em 1936, lançou O Conde e o Passarinho, seu primeiro livro de crônicas e em 1938 fundou, junto com Azevedo Amaral e Samuel Wainer, a revista Diretrizes que, por ordem do governo Vargas, foi tirada de circulação em 1940.

Durante a Segunda Guerra Mundial, atuou como correspondente junto à Força Expedicionária Brasileira – FEB, pelo Diário Carioca, na cidade italiana de Monte Castelo. Lá viveu os horrores do combate ao lado de outros jornalistas como Thassilo Mitke, da Agência Nacional, Egydio Squeff, do O Globo e, em especial, do jornalista Joel Silveira de quem se tornou grande amigo.

Morou com ninguém mais ninguém menos que Graciliano Ramos numa pensão no Catete, bairro da Zona Sul carioca, numa casa no Posto 6 em "Ai de ti, Copacabana" e, finalmente, na cobertura-oásis da Barão da Torre. Suas sutilezas eram de uma genialidade de olhos postos, via plectro, no simples bater de asas de uma borboleta amarela avistada no Centro da capital carioca

Em minhas fotos das Alvoradas Cariocas, me 'apropriei' deste trecho como inspiração para as imagens que capto através das lentes de minha câmera: "Acordo cedo e vejo o mar se espreguiçando; o sol acabou de nascer. Vou para a praia; é bom chegar a esta hora em que a areia que o mar lavou ainda está limpinha, sem marca de nenhum pé. A manhã está nítida no ar leve; dou um mergulho e essa água salgada me faz bem, limpa de todas as coisas da noite".

Foi ser borboleta amarela no páramo!

Dan Coelho/Divulgação



Áurea Martins mistura o tradicional e o moderno no seu canto

A reza de Áurea Martins

Cantora se apresenta na Caixa com show que remete ao universo das rezadeiras

Por Mayariane Castro

Nos dias 28, 29 e 30 de março, a Caixa Cultural Brasília recebe o show "Senhora das Folhas", da cantora Áurea Martins. O espetáculo apresenta as músicas do álbum homônimo, indicado ao Grammy Latino em 2022, que explora o universo das rezadeiras e benzedeiras, figuras tradicionais da cultura brasileira, e celebra o poder feminino curador.

O repertório do show é uma fusão de diferentes tradições musicais e culturais do Brasil. Áurea Martins mergulha em temas do sagrado feminino e presta homenagem às mulheres que desempenham papéis fundamentais nas comunidades, como as curandeiras e rezadeiras. O show transita por diversos estilos musicais, incluindo canções de influência medieval, sambas, coco de roda e canto indígena, além de contar com músicas de artistas contemporâneos como Projota, Flaira Ferro e Arlindo Cruz.

A direção musical é de Lui Coimbra, renomado multi-instrumentista e cantor, que também participa da apresentação tocando violoncelo, viola, rabeca, charango andino e vocais. Ao lado dele, a banda é composta por Fred Ferreira, que se destaca nas guitarras, viola e vocais; Marcos Suzano, responsável pela percussão e pandeiro; Pedro Aune, no contrabaixo acústico; e André Gabeh, que completa a formação com sua voz. Juntos, esses músicos formam uma equipe de excelência, elevando a experiência musical.

Viagem pela diversidade musical

Álbum "Senhora das Folhas" disputou o Grammy Latino

O álbum "Senhora das Folhas" é uma verdadeira viagem pela diversidade cultural brasileira. A obra, lançada pela Biscoito Fino, apresenta canções que mesclam o tradicional e o contemporâneo. Entre as faixas, destacam-se "A Rezadeira", de Projota, e "Ponto das Caboclas", de Camila Costa, além de influências do canto indígena e de poemas das etnias Macuxi e Parakanã. A proposta do álbum é mostrar o entrelaçamento das diferentes raízes culturais brasileiras, a partir de uma visão sobre a mulher como guardiã do saber ancestral e curadora da tradição popular.

Áurea Martins, com mais de 50 anos de carreira, tem sua trajetória marcada pela resistência e pela valorização das raízes afro-brasileiras e da cultura popular. Ao longo de sua carreira, a cantora lançou nove discos solo, participou de inúmeras colaborações e recebeu diversos prêmios, incluindo o de Melhor Cantora no Prêmio da Música Brasileira (PMB) de 2009. Recentemente, ela foi tema de um curta-metragem que, em 2024, recebeu mais de 21 prêmios, incluindo o de melhor atriz.

Dan Coelho/Divulgação



Base do espetáculo é o álbum "Senhora das Folhas"

O show "Senhora das Folhas" é uma oportunidade única para aqueles que desejam conhecer mais sobre a riqueza da música brasileira e a contribuição das mulheres para a cultura e a história do país.

Paixão e dedicação

Aos 85 anos, Áurea Martins continua a se apresentar com grande vigor e energia, atualizando seu repertório e expandindo sua atuação. A cantora tem mostrado que sua trajetória continua a evoluir, sempre com a mesma paixão e dedicação pela música e pela cultura popular brasileira. Ela se mantém conectada com a nova geração de músicos, realizando shows ao lado de parceiros mais jovens, enquanto compartilha sua história e seus saberes com o público.

Feminino

No show "Senhora das Folhas", Áurea Martins não apenas interpreta suas músicas, mas também oferece uma reflexão sobre a importância do feminino na preservação da cultura e da espiritualidade no Brasil.

A cantora faz uma ponte entre o urbano e o rural, unindo as diversas regiões e tradições do país, em uma obra que respeita as raízes, mas também dialoga com a contemporaneidade. Através de suas canções, ela destaca a mulher como protagonista nas diversas esferas da vida social, cultural e espiritual, em um país marcado pela diversidade étnica e cultural.

SHOW

Face Quarteto e Maestro Spok

✱Foi em 2024 que o Face Quarteto convidou o maestro Spok para gravarem juntos um álbum, após anos de parcerias em palcos e composições. O disco, já disponível nas plataformas de streaming, traz músicas inéditas com uma nova visão do frevo e será apresentado ao vivo em dois shows gratuitos em Brasília: 29 de março, no Festival Urgente!, e 30 de março, no projeto Choro no Eixo. O projeto Face Quarteto e Spok apresenta o frevo em suas diferentes vertentes, com uma pegada jovial, irreverente, moderna, arrojada e virtuosística, mesclando o gênero a elementos do choro, forró, ciranda, baião, ijexá, jazz e outras manifestações da música popular brasileira.

FESTA

Baile Sarau-Vá

✱No próximo sábado, 22 de março, a partir das 16h, o Baile Sarau-Vá promove 10 horas de festa em Ceilândia, unindo poesia, música e resistência cultural em uma celebração que reverbera as vozes da periferia. A programação, totalmente gratuita, acontece em dois ambientes diferentes e complementares: Pista Porks, resgatando as raízes jamaicanas dos Sound Systems e Beco do Porco, seguindo a linha baile de rua com muito funk e rap. São duas pistas que reúnem, ao todo, 12 poetas, 10 DJs, 2 shows e, como não poderia ser diferente em se tratando do Sarau Voz e Alma, microfone aberto para quem quiser se aventurar na arte da poesia.

PROJETO

Festival Multicultural

✱O Festival Multicultural de Cinema – FEMUCINE está de volta para sua 3ª edição, trazendo quatro dias de intensa programação a partir desta quarta-feira, 19 de março. Realizado no Teatro de Sobradinho, a programação inclui mostra competitiva de curtas-metragens, mostra infantil e inclusiva, mostra de videoclipes, exposição de artes visuais, feira de arte e apresentações musicais. No total, 16 filmes disputam os prêmios de melhores curtas-metragens concedidos pelo júri técnico e júri popular, além de duas menções honrosas. A entrada é gratuita.

Celio Maciel



Face Quarteto e Maestro Spok em dois shows no DF

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Baile Sarau-Vá ocupa o Porks Ceilândia

Ensinando HIP-HOP

✱O projeto "Hip Hop Aprendizado para a Vida" no Distrito Federal, realizado de 24 a 26 de março, movimenta escolas de Itapoã, São Sebastião e Paranoá, unindo cultura, educação e empoderamento. Através do hip hop, promove desenvolvimento artístico, cidadania, respeito e colaboração, dando voz aos jovens e valorizando suas identidades. Serão seis apresentações, duas por escola selecionada para receber o projeto.

TEATRO

VITAL, o musical dos Paralamas

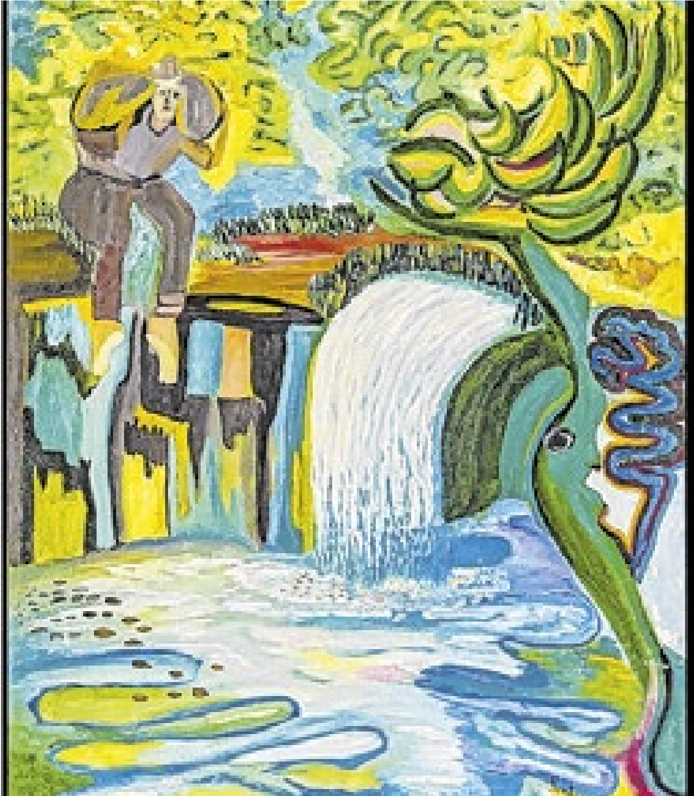
✱O musical é uma ode à amizade de Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone, o trio que permanece à frente da banda Paralamas do Sucesso nessas

João Caldas



Fabiana Karla e Tania Bondezan se unem

Divulgação



Obra de Osvaldina dos Santos Fred Gustavo

Divulgação



Cia Néia e Nando

André Wanderley



VITAL, o musical dos Paralamas

André Sidarta



Espetáculo "Na pisada do baile de rabeca"

quatro décadas. Espetáculo, que estreou no Rio de Janeiro, desembarca em Brasília, onde os integrantes da banda se conheceram e acontece nos dias 28, 29 e 30 de março, no Teatro Nacional Brasília, sala Martins Pena.

Cia Néia e Nando

✱O universo do teatro infantil retorna ao Liberty Mall com a Cia Néia e Nando, referência em teatro infantojuvenil no DF. Aos sábados, às 15h, no Espaço Cultural, as apresentações são gratuitas e garantem diversão para toda a família. No dia 22 de março, o espetáculo "A Turma dos Cachorros" traz uma história de aventura, amizade e trabalho em equipe. O mall também oferece estacionamento com tarifa fixa de R$ 6,00 aos sábados.

Radojka

✱Imagine uma história onde o desespero de perder o emprego se transforma em uma série de planos absurdos, cheios de humor ácido e situações inesperadas. É assim que Radojka – Uma Comédia Friamente Calculada conquista o público, com uma narrativa leve, mas que reflete questões profundas como a insegurança no trabalho e os desafios de envelhecer no mercado laboral. Acontece no Teatro UNIP. Temporada: de 28 a 30 de março, sexta e sábado às 20h, domingo às 19h30 / Ingressos: Plateia: R$ 140 (inteira), e R$ 70 (meia). Plateia popular: R$ 42 (inteira), e R$ 21 (meia).

Na pisada do baile de rabeca

✱Com 12 anos de carreira, o grupo Forró na Caixa é parte de um movimento cultural expressivo em Pernambuco. Fundado por Martins (voz e rabeca), Ju Valença (zabumba), Rodrigo Samico (baixo) e Rodrigo Felix (percussão), com Poli (percussão e voz), Rafael Marques (cavaquinho) e Arnaldo Abulidu (percussão), o grupo reinventa o forró pé de serra, resgatando a tradição dos antigos bailes de rabeca e rodas de cavalo marinho. Acontece na Caixa Cultural, até sábado dia (22). Os ingressos encontram-se no valor popular de R$20,00 inteira e R$10,00 meia entrada e podem ser adquiridos na plataforma digital do Sympla.

EXPOSIÇÃO

Arte criativa

✱O Museu Nacional da República, em Brasília (DF), vai abrigar nos próximos dois meses a exposição "Lírica, crítica e solar: artes visuais em Mato Grosso", realizada pelo Sebrae/MT. A ação reúne 200 obras de 50 artistas do estado. A inauguração está marcada para o dia 18 de março, às 19h, na sala principal do museu. O conjunto de trabalhos tem curadoria de Divino Sobral e Laudenir Gonçalves, com assistência de curadoria de Rosana Schmitt.

"Raízes – Reflexos da natureza"

✱O Espaço Cultural da ESMPU, recebe a exposição "Raízes – Reflexos da natureza", que fica aberta à visitação até dia 11 de abril, das 9h às 18h. Os trabalhos celebram a riqueza da arte popular brasileira e sua capacidade de dialogar com o público de maneira acessível e inspiradora. As obras, marcadas por cores vibrantes, formas expressivas e temáticas profundamente ligadas às raízes brasileiras, refletem a diversidade e a vitalidade da cultura do país.

"Por inteiro: Além do olhar"

✱Restaurante Rio Bistrô recebe a exposição "Por inteiro: Além do olhar" da fotógrafa brasiliense Márcia Couto. Com entrada gratuita, a mostra é um mergulho profundo na complexidade e totalidade das mulheres, através das lentes da fotógrafa. Localizada na 404 Sul, a exposição acontece até dia 8 de abril, das 19h às 21h, open de espumante mediante consumação mínima de R$ 50. Para saber mais informações sobre a programação acesse as redes sociais do estabelecimento, @riobistrobrasilia.

Todo dia é dia de rock!

"Calendário do Rock Brasileiro" traz 1.800 efemérides do gênero musical no país

Por Mayariane Castro

Em 2025, o rock nacional completa 70 anos de história e, para marcar essa data, o diretor e escritor Paulo Marchetti anunciou o lançamento do livro "O Calendário do Rock Brasileiro".

A obra, que reúne mais de 1.800 efemérides musicais, aborda uma vasta gama de eventos, fatos e acontecimentos históricos do gênero no Brasil, organizados ao longo de 365 dias, de janeiro a dezembro.

A publicação, que conta com 358 páginas, traz uma ampla coleção de registros relacionados ao rock brasileiro, desde os primórdios do estilo no país até os principais momentos da cena contemporânea.

Divulgação



Marchetti: 1.800 efemérides do rock brasileiro

Datas

O livro apresenta desde datas curiosas e significativas até momentos marcantes da música brasileira, incluindo os lançamentos dos grandes clássicos do rock, os conflitos entre artistas e a polícia, além de detalhes sobre festivais e as diversas cenas alternativas ao longo das décadas.

Entre os destaques, estão os primeiros artistas de rock do Brasil, como Bob Bolão, Betinho e Seu Conjunto, Ronnie Cord, e as bandas The Snakes e The Clevers, além de uma cobertura detalhada sobre os anos 1970, com o desenvolvimento do rock progressivo e psicodélico no país. Marchetti também dedica atenção a períodos da música brasileira dos anos 1980 e 1990, momentos decisivos para a formação da cena rock no Brasil. O livro inclui ainda episódios marcantes da cena alternativa.

Brasília é parte importante

Cena dos anos 80 no DF faz parte da história da música brasileira

De acordo com o autor, a elaboração de um documento dessa magnitude foi um desafio considerável. "Fazer sozinho um trabalho desse tamanho não foi fácil, é uma responsabilidade enorme, inclusive com os detalhes", explica Marchetti. O processo de criação do livro exigiu anos de pesquisa e investigação. Marchetti relata que cada data foi meticulosamente verificada, com a busca de múltiplas fontes, especialmente em um período em que a internet ainda estava em desenvolvimento. Isso o levou a pesquisar em bibliotecas, bancos de dados de jornais antigos e a buscar conteúdo em sebos literários e de discos de vinil.

O autor explica que a ideia do livro surgiu a partir de seu trabalho na MTV Brasil entre 1993 e 2000. "Comecei a juntar algumas efemérides de forma aleatória, durante meus trabalhos de direção, pesquisa e texto na MTV Brasil", conta ele. Foi durante esse período que Marchetti teve acesso a arquivos da emissora, onde conheceu livros que tratavam de momentos importantes do rock, o que lhe deu o impulso para começar sua própria coleção sobre o gênero no Brasil.

Agência Brasília



Rock de Brasília é capítulo da história do gênero

O livro é considerado o primeiro do gênero no Brasil e prioriza o período entre 1955 e 2000, mas também contempla eventos importantes do rock brasileiro entre 2000 e 2024. A pesquisa de Marchetti compilou informações sobre todos os aspectos do rock, desde as origens do gênero até a evolução das cenas alternativas e as produções contemporâneas.

Marchetti

Paulo Marchetti, nascido em Piracicaba (SP) em 1970, tem uma carreira consolidada como diretor artístico e de conteúdo para televisão e projetos especiais. Atualmente na TV Cultura, tem uma longa trajetória em veículos como MTV Brasil, Disney e Record. Sua relação com a música e o rock brasileiro vem desde sua juventude em Brasília, onde morou entre 1974 e 1987, e fez parte da chamada "Turma da Colina", que acompanhava os primeiros ensaios e shows de bandas como Plebe Rude, Capital Inicial e Legião Urbana. Também foi membro da banda Filhos de Mengele, formada em 1985, e que teve como baterista Digão, antes deste se juntar ao Raimundos.

Em 2001, Marchetti lançou seu primeiro livro, "O Diário da Turma 1976-1986: A História do Rock de Brasília" (Conrad, 2001 e Pedra na Mão, 2013), hoje parte do acervo da biblioteca da Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 21 a domingo, 23 de Março de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.731

Fabiana Karla apresenta no DF a comédia "Radojka"

PÁGINAS 8 E 9



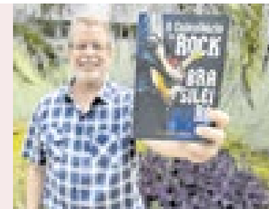
Áurea Martins traz Senhora das Folhas ao DF

PÁGINA 5



"O Calendário Do Rock Brasileiro" em obra literária

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

'A inteligência artificial vai transformar os arquivos em sucata'

Caliban/Divulgação

Papa do cinema documental brasileiro anuncia o lançamento de seu 'Brizola - Anotações para Uma História' para junho e reflete sobre a morte anunciada do arquivo

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Ao comemorar seus 75 anos, no último dia 12, já recobrado de uma série de complicações de saúde, Silvio Tendler trouxe o debate sobre a morte anunciada do arquivo - tal qual o cinema documental entende essa palavra -, em meio à hegemonia gradual da Inteligência Artificial. O Correio da Manhã foi atrás do realizador - o papa do cinema documental brasileiro - para descobrir a data de estreia de seu "Brizola – Anotações Para Uma História" (exibido pelo diretor em outubro, no Festival do Rio).

Soube que o lançamento ficou para o final de junho, mas acabou saindo do papo com uma reflexão sobre a reinvenção tecnológica das narrativas de não ficção. Espera-se que a inquietação tendleriana sobre IA já se faça notar, ao menos na forma, em "Justiça em Estado de Exceção", seu próximo documentário. O filme discute o papel do Poder Judiciário e dos meios de comunicação na conjuntura política do país. A quem eles se submetem? À Constituição Federal?

Esse longa completa uma trilogia de Tendler formada por "Privatizações, a Distopia do Capital", de 2014, e "Dedo na Ferida" (Prêmio de Júri Popular na Première Brasil 2017). Trata-se de uma análise do sistema que financia e instrumentaliza um projeto de poder predatório. **Continua na página seguinte**